



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

VIDAS PRETAS:
CRÔNICAS SOBRE HISTÓRIAS DE VIDA E SUPERAÇÕES DE MULHERES
NEGRAS NO AMAPÁ

ANÁLIA RAMOS BARRETO

MACAPÁ
2018

ANÁLIA RAMOS BARRETO

**VIDAS PRETAS:
CRÔNICAS SOBRE HISTÓRIAS DE VIDA E SUPERAÇÕES DE MULHERES
NEGRAS NO AMAPÁ**

Memorial Descritivo do projeto experimental “Vidas pretas: Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres negras no Amapá”, apresentado ao Curso de Jornalismo-Bacharelado, da Universidade Federal do Amapá, como requisito final à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Professora Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roberta Scheibe.

MACAPÁ

2018

RESUMO

O Projeto experimental “Vidas pretas: Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres negras no Amapá”, explora o jornalismo literário e o seu subgênero crônica para reconstruir quinze narrativas de não-ficção sobre histórias vividas por mulheres negras no Estado do Amapá. O projeto aborda problemas sociais, como racismo, violência obstétrica, depressão, pobreza e abandono parental, de acordo com as perspectivas pessoais de cada personagem-protagonista. Além da construção das crônicas o livro também é ilustrado com foto-arte produzidas pela autora deste trabalho. O presente memorial diz respeito a parte analítica e descritiva do projeto experimental, no qual o desenho metodológico se deu através de pesquisa bibliográfica qualitativa, trazendo breves discussões teóricas sobre o jornalismo literário; discurso, memória e identidade; bem como, as questões de gênero e raça.

Palavras-chave: Crônica. Mulheres Negras. Histórias de Vida. Narrativa. Jornalismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PROBLEMA	7
3 HIPÓTESE	7
4 JUSTIFICATIVA	7
5 OBJETIVOS	9
5.1 Geral	9
5.2 Específicos	9
6 REFERENCIAL TEÓRICO	9
6.1 Jornalismo literário	9
6.1.1 Conversas Humanistas	11
6.1.2 Crônica	13
6.3 Memória, discurso e identidade	14
6.4 Mulheres Negras	16
7 METODOLOGIA	17
8 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	20
8.1 Projeto gráfico	29
8.2 Cronograma	30
8.3 Orçamento	32
8.4 Gravações	32
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1 INTRODUÇÃO

Este memorial do projeto “Vidas pretas: Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres negras no Amapá”, se refere ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na modalidade projeto experimental, do Curso de Jornalismo-Bacharelado da Universidade Federal do Amapá. É, portanto, o material descritivo e reflexivo do processo de produção do livro digital de crônicas.

Em uma tentativa de trazer para dentro das produções acadêmicas questões que envolvessem representatividade negra e feminina, optei por realizar no Trabalho de Conclusão de Curso um projeto que me possibilitasse “ousar” dentro do jornalismo, vi então, no jornalismo literário e na crônica um mecanismo para dar voz a pessoas que são ou que foram invisibilizadas socialmente¹.

O livro de crônicas aqui descrito, que também poderia se encaixar na modalidade de “reportagem-crônica”, estipulada por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p.86), é um produto jornalístico que contém quinze crônicas construídas a partir de histórias de vidas reais. Cada crônica tem uma perspectiva pessoal, visto que, a escrita das mesmas foi baseada na vivência narrada por cada interlocutora. Entretanto, essas narrativas, quando reconstruídas – como se elas mesmas estivessem contando os fatos em primeira pessoa -, se entrelaçaram com as linguagens corporais, os espaços onde as interlocutoras estavam, e como elas reagiam ao contar a própria história, nenhum detalhe foi deixado de lado.

Inicialmente, quando projetei o livro como apenas uma ideia, pensei em não revelar quem eram minhas interlocutoras, por entender que algumas revelações poderiam ser íntimas demais, ou mesmo que, algumas partes dessas histórias seriam feridas não completamente saradas, o que implicaria, em um certo desconforto para as interlocutoras, mas foi na prática que eu entendi como seria a minha dinâmica de produção.

Logo nas primeiras entrevistas comecei a perceber que talvez nenhuma de minhas interlocutoras tivesse “feridas saradas”, como falei anteriormente, isso porque, nossas conversas sempre terminavam carregando um tom de reflexão, e todas as vezes que aquela mesma história era recontada por uma dessas mulheres, novos pontos de questionamento sobre suas próprias vidas abriam-se. Por vezes, elas percebiam que alguns de seus problemas eram coletivos e não somente individuais, e após isso, algumas interlocutoras permitiram a divulgação de seus nomes, outras preferiram a não identificação.

¹ Invisibilidade social: Ser invisível é sofrer a indiferença, é não ter importância. A invisibilidade social é um conceito aplicado a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença ou pelo preconceito.

O maior objetivo deste projeto era e é dar visibilidade a vozes comuns e problemas sociais que afetam cotidianamente as mulheres negras no estado do Amapá, logicamente, a localização dessas mulheres foi escolhida a partir da minha localização enquanto autora, precisávamos estabelecer vínculo, precisávamos de conversas agradáveis, onde eu pudesse sentar para ouvir e elas pudessem falar sem grandes reservas, logo, também fez parte do meu objetivo, falar não só dos problemas sociais da mulher negra, mas também da mulher nortista. Escolher trabalhar com essas mulheres relaciona-se diretamente com quem sou: também mulher negra, amapaense, periférica, feminista interseccional² e ativista na luta antirracista. Foi através de meus agenciamentos pessoais que cheguei a cada história de vida que compôs este livro e entendi que cada narrativa precisava ser contada com respeito a realidade presente na vida de quem a viveu.

As personagens trazem para o livro narrativas dicotômicas, o não ter nada e ainda assim ter tudo, sair de uma realidade onde se vive enclausurada e ir para os braços da liberdade, fugir da escola e ser salva pela educação, passar pelo processo de embranquecimento e livrar-se dele. De maneiras diferentes, cada personagem enfrentou/construiu sua história de vida com doses de superação.

O livro traz como proposta também a reflexão de repensar qual o lugar que as mulheres negras ocupam no mundo, isso porque nem todas as narrativas que tornaram-se crônicas envolvem racismo, mas todas elas foram vividas por pessoas que por serem negras vivem o racismo instituído em nossa sociedade. O referencial teórico deste memorial traz discussões sobre como a mulher negra é lida socialmente e como outras violências que não são o racismo acometem suas vidas. Esses indivíduos, marcados pela cor, lideram todas as estatísticas de violência, como a do feminicídio e da população carcerária, mas pouco aparece nos índices de educação ou de poder econômico. Estes antagonismos são pontos de partida para refletirmos se, de fato, somos todos iguais e se as histórias contadas no livro poderiam mesmo pertencer a outros sujeitos.

A metodologia utilizada neste trabalho teve pontos específicos para produto jornalístico e para o memorial. Enquanto produto jornalístico, o desenho metodológico foi realizado através do jornalismo literário e a crônica, bem como, do uso das conversas humanistas, por meio da entrevista (MEDINA, 1985), onde trabalhou-se a escuta atenta (FOUCAULT, 2010) e a escrita humanizada, valorizando as personagens. Já o memorial, foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica qualitativa se utilizando de autores como

² Feminismo Interseccional: trata-se da intersecção entre diversas opressões: de gênero, raça e classe social.

Edvaldo Pereira Lima (2009), Felipe Pena (2013), Roberta Scheibe (2006), e Cremilda Medina (1986) e (1988), Michel Pollak (1992), Michel Foucault (1970), Joel Candau (2010), Homi Bhabha (1994), Kabengele Munanga (2012), Gayatry Spivak (2010), Nilson Lage (2014) e Michel Foucault (2010).

2 PROBLEMA

De acordo com a linguagem simples e coloquial da crônica enquanto gênero do jornalismo literário, é possível expor para o leitor problemas sociais a partir de histórias da vida real, narrando-as em primeira pessoa, como se a autora do texto fosse a entrevistada narrando a própria vida?

3 HIPÓTESE

De fato, o gênero crônica desde sua origem tem a trajetória marcada pelo caráter informativo, que com o passar dos anos, aliou-se à literatura. A crônica possui um estilo livre de escrita e habitualmente relata fatos do cotidiano observados, vivenciados ou até inventados, desde que, construídos a partir de um contexto crítico. Em virtude da possibilidade de uma escrita que brinca com a poesia e ainda assim traz a oportunidade de reflexão social, narrativas ganham novos significados, admitindo assim, que aquelas experiências sejam ressignificadas pelo olhar de quem as escreve. Este projeto tem a intenção de trabalhar e valorizar as histórias de vida de uma determinada minoria social, que são as mulheres negras, em um determinado espaço, que é o Estado do Amapá, no norte do País. Por isso, acredita-se que os contextos de localização tanto social quanto geográficos devem ser levados em consideração, logo, hipótese para o produto jornalístico é que a linguagem da crônica possibilita uma escrita não objetiva e que pode deixar as mensagens sobre as problemáticas sociais mais claras, perceptíveis e sensíveis. No que concerne o Memorial, a hipótese é de que a crônica enquanto subgênero do jornalismo literário possibilita um jornalismo inovador, com uma leitura mais sedutora, sem deixar de lado questões jornalísticas como verossimilhança com a realidade, apuração rigorosa e compromisso com a fonte e a história recontada.

4 JUSTIFICATIVA

Poderia ser muito difícil justificar o porquê de escrever sobre mulheres negras se eu não fosse uma. O primeiro fator que impulsiona este projeto é justamente a cor da minha pele. Depois de tantos anos tentando reconhecer-me como uma mulher negra, comecei a praticar a autocrítica na tentativa de entender o porquê de eu não gostar das minhas próprias feições, até

que comecei a observar o que se passava na televisão, e havia alguns estereótipos que me incomodavam absurdamente: o da mulata e o da empregada.

A mulata era aquela representação da mulher negra, que com uma “beleza negra” imensurável, não pode ser “tão negra” assim, precisa ter traços embranquecidos e sambar até amanhecer, afinal, o objetivo de mostrá-la na mídia nada mais é que vender uma beleza inventada e um corpo hipersexualizado. Em contrapartida, se não há disposição para mostrar mulheres negras em espaços de poder, como por exemplo, na bancada de um jornal, porém, há lugar para estas nas dramaturgias sendo as empregadas, as prostitutas, as presidiárias. Representações que, na minha ótica, sempre soavam muito pejorativas.

Ao longo desta graduação procurei sempre falar daquilo que eu entendia que precisava ser falado: mulheres e mulheres negras. Mas por que era isso que precisava ser dito? Porque são essas vozes que a todo momento estão sendo silenciadas. No jornal, questões como corrupção, bolsa de valores ou o agronegócio sempre são mais valorizadas do que a taxa de feminicídio ou estupro no Brasil.

Em virtude de todos esses questionamentos, comecei a pensar nas vivências do dia-a-dia e me questionar se enquanto comunicadora poderia mudar esse cenário de alguma forma. Não precisei ir muito longe para ouvir histórias encantadoras sobre a luta cotidiana, e sobre ser uma mulher negra dentro da minha própria família. Por vezes, as donas das histórias nem sequer percebiam que seus problemas estavam ligados a questão racial, mas ainda assim, os superavam, e foi a partir de uma conversa paralela ou outra que senti vontade de escrever sobre.

Entretanto, minha aproximação com o jornalismo literário e a crônica se deu no segundo semestre de 2017, quando eu estagiava na Agência Experimental de Comunicação da Unifap, supervisionada pela professora Roberta Scheibe, que atualmente também é minha orientadora neste Projeto Experimental, onde tive a oportunidade de deixar que minha escrita se inclinasse a literatura e a poesia para realizar minhas demandas na Agência.

Vejo neste trabalho um enfrentamento ao sistema racista, isso porque essa obra carrega histórias de vidas reais que fogem o “estereótipo comum” que é desenhado sobre mulheres negras no Brasil. As personas deste livro, se fazem como mulheres que mesmo assoladas pela pobreza ou pela violência imposta pelo patriarcado, conseguiram sobreviver com glória e minha maior motivação é uma tentativa de novas possibilidades de representação, onde nós mesmas digamos quem somos e quem poderemos ainda ser.

5 OBJETIVOS

5.1 Geral

Produzir um livro-reportagem estruturado com texto verbal através de crônicas e texto imagético através de fotografias, tendo como personagens reais mulheres negras naturais ou moradoras do Estado do Amapá e suas histórias de vida. O produto jornalístico tem o intuito de problematizar e dar visibilidade aos problemas sociais provenientes de suas condições enquanto mulheres e negras, como por exemplo, abandono, auto aceitação, racismo ou violência doméstica.

5.2 Específicos

- Realizar entrevistas com a metodologia aberta, de forma que as interlocutoras tenham, de acordo com suas disponibilidades, tempo e liberdade para narrarem suas histórias tendo como ponto de partida as experiências que as mesmas consideram mais relevantes;
- Produzir quinze crônicas, uma de cada interlocutora, considerando além da linguagem verbal, a corporal, com a intenção de captar a essência de cada história e assim destacar a poética e a singularidade de cada entrevistada;
- Produzir fotografias pertencentes as crônicas, na tentativa não somente de valorizar a narrativa textual, mas também de valorizar a personagem;
- Valorizar questões sociais e políticas dentro das narrativas.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1 Jornalismo literário

O ato da escrita humanizada que tem por intenção instigar o leitor a entender e refletir sobre a mensagem que se deseja passar entrelaçou o jornalismo e a literatura ainda na metade do século XIX segundo Lima (1993). O jornalismo literário possibilita que o tratamento da fonte, da mensagem, ou mesmo da própria escrita não sejam tratadas com urgência ou imediatismo, como na escrita tradicional e informativa do jornalismo.

Após a “descoberta” que se poderia mudar os instrumentos de expressão do jornalismo, a literatura tornou-se mais comum nas redações e narrar a realidade começou a se tornar ofício também de escritores, que na época, viram no jornalismo a possibilidade do “aprimoramento e a promoção do talento literário” (LIMA, 1993, p. 174). A partir de então, iniciou-se as produções de rodapés, pequenos romances publicados diariamente nos jornais. Edvaldo Pereira Lima cita no Livro “Páginas ampliadas”, escritores como Machado de Assis,

Gonçalves Dias e José de Alencar, que foram produtores do gênero literário folhetim desde 1850.

Após a eclosão das produções literárias nos jornais, iniciou-se discussões sobre o que seria de fato jornalismo, o que seria literatura e qual o lugar da literatura dentro dos veículos jornalísticos, culminando em uma “confusão conceitual entre a literatura e a imprensa industrial iniciante” (LIMA, 1993, p. 175). Lima (1993) afirma que a literatura e o jornalismo emaranharam-se até meados do século XX, todavia, na década de 50, impulsionou-se novamente o jornalismo da objetividade, da urgência e do “news” que conhecemos atualmente “A preocupação com a novidade e os *faint divers* assume a função principal na pauta. A literatura é apenas um suplemento” (PENA, 2013, p.40).

Após esta breve síntese histórica é possível perceber que o jornalismo literário em seu “momento de glória” já teve mais espaço nos veículos de comunicação. Felipe Pena (2013) afirma que a forma como o jornalismo literário surgiu dificilmente será esquecida na história da comunicação, entretanto, existe atualmente a necessidade que a linguagem jornalística rompa com as estruturas sólidas da pirâmide invertida ou do lead, possibilitando ao leitor, outras visões da realidade, mais amplas e reflexivas. Novamente, a linguagem jornalística precisa reinventar-se.

Na intenção justamente de promover mudança no cenário do jornalismo atual, este trabalho especificamente, irá se utilizar do texto literário, através de instrumentos como caráter autobiográfico, conversas humanizadas e narrativas criativas de não ficção categorizadas pelo autor Lima (1993) e estruturadas dentro do subgênero do jornalismo literário, crônica.

Na acepção de Sodré e Ferrari (1986, p.87), uma “reportagem crônica” tem um caráter circunstancial e ambiental, no sentido de possuir liberdades estilísticas de recursos jornalísticos e literários, mas também no âmbito de se aproximar da crítica social. Neste sentido, podemos pensar na crônica reportagem diagramada em livro impresso e/ou digital. O Livro-reportagem pode falar de ciência, estética, religião, meio-ambiente, bem como pode falar de “histórias de vida” que podem ser contadas a partir de clássicas entrevistas ou observação participante, desde que, a humanização seja a principal ferramenta da escrita, significando que, aquela reportagem será feita em profundidade. Geralmente, nessas produções os autores também colocam suas vivências junto as dos entrevistados.

O texto literário, como já foi dito, rompe com a linguagem tradicional do jornalismo, dentro da liberdade artística do texto literário que narra o real, é possível que se faça experimentações, uma vez que não havia estilo uniforme padrão. Cada profissional que procurasse sua forma de expressão, mais indicada para cada circunstância” (LIMA, 1993, p.

230).

Lima (1993) também enfatiza o fato de que o texto literário tem certa liberdade de criação, considerando as expressões artísticas pelas quais os autores escolhem explorar, bem como é possível que se utilize não somente do que se ouve, mas também o que se vê e o que se sente. Elementos como ponto de vista do autor, a participação, a localização, ambiente também são considerados signos da escrita.

Apesar da liberdade e da poética que pode estar presente no texto literário, é importante ressaltar que no texto jornalístico há necessidade de verossimilhança com o real, nada é gratuito ou fictício, logo:

[...] a exatidão e a precisão, portanto, fazem parte do ideário. Contudo, o modo como se atende a esse quesito no jornalismo literário é muito mais criativo – desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional. (LIMA, 1993, p. 355).

A forma como o texto literário se apresenta implica em uma leitura menos burocrática e entediante, isso porque, é possível construir para o leitor a ambientação do que se lê, ao descrever espaços e sentimentos. Lima (2009) que é imprescindível dentro do texto literário, arquitetar o pensamento imagético, a sequencia visual e sonora do que está sendo narrado.

6.1.1 Conversas Humanistas

Outra “característica” do jornalismo literário, que se aproxima intensamente do jornalismo cultural é a humanização, não só da escrita, como também da escuta. Foucault (2010) explora a escuta enquanto um processo de “subjetivação do discurso verdadeiro” afirmando que saber escutar inicia o processo de conhecimento da verdade e absorção da mesma. Para o autor, é na escuta que se inicia a tradição filosófica de apropriação de um discurso como uma prática de si sobre si.

Foucault (2010) classifica o processo da escuta atenta como “o tratado da escuta” e afirma que a escuta é o processo mais sensível que um indivíduo pode encontrar-se, visto que, a mesma pode ter efeitos ambíguos sobre os corpos que ouvem, ou seja, dependendo do que se penetra no corpo através da audição, ele pode ficar sensível, paralisado, ou embalar-se em uma dança, pode também ficar feliz ou triste em detrimento do que se ouve. Ouvir acaba por ser um sentido que traz para o ser humano a capacidade de integrar-se ao que se ouve e sentir-se exposto ao que se ouve.

É nesse momento da produção que teremos todo o cuidado com os nossos interlocutores, com as suas sensibilidades, virtudes e limitações. O olhar do jornalista literário

deve estar sempre projetando-se para o que é humano, e só assim, os sentimentos de identificação e empatia serão também projetados nos seus leitores.

Seu papel, quando bem-sucedido, é o de tanto criar identificação e projeção quanto o de estabelecer um distanciamento crítico consciente, vívido. Em outras palavras, sua missão é estimular, criar um clima autêntico de conexão entre entrevistado e receptor. É auxiliar a compreensão real, mas também colocar a dose adequada de emoção, sem a qual nenhum ato comunica na dimensão humana o que o jornalismo pretende (LIMA, 2009, p. 90).

A humanização acontece dentro do jornalismo literário quando as pessoas não são apenas personagens como também figuras de eixo central para aquela narrativa. Para isso, é necessário da parte do jornalista literário a compreensão e o saber ouvir, quando o entrevistado deixa de ser uma fonte e se torna protagonista, as histórias tornam-se mais sedutoras e até o registro dos fatos torna-se prazeroso.

Nutrir sensibilidade pela história do seu personagem requer do autor que ele entenda o que está a sua volta, é preciso que o jornalista se localize dentro daquele universo, não para protagonizar, mas para tornar-se empático, o que pode ser manifestado “através do gesto, do olhar, da atitude corporal” (MEDINA, 1986, p. 30).

Estamos falando então da singularidade e subjetividade de cada indivíduo sendo valorizada, de narrativas que ainda que poéticas, considerem o sentido do que o entrevistado revela naquele momento de conversa, a condução do texto deve ser fidedigna ao sentimento real de quem o inspira.

Interagir e trocar são exercícios necessários entre o personagem e o autor, isso porque essa contribuição mútua é que vai possibilitar a humanização e “a humanização evita os estereótipos, tanto quanto possível, visando retratar os seres humanos na sua inteireza complexa, com virtudes e defeitos” (LIMA, 2009, p.150).

Lima (1993) afirma que a imersão do jornalista na história é “vital”, porque para compreender a realidade sobre a qual irá desenvolver, o autor precisa ver, ouvir, cheirar e tocar, refletindo sobre aquelas vivências e “alterando seu próprio olhar para o olhar de seus personagens” (LIMA, 1993, p. 373).

O papel de debruçar-se em outras vidas requer também responsabilidade social e criticidade, oportunizando dar visibilidade a problemas sociais e assumindo dentro do texto dramático ou poético o papel de discutir sobre quem carrega o “fardo da marginalização de qualquer origem – social, étnica, cultural ou religiosa” (MEDINA, 2003, p. 48).

6.1.2 Crônica

Antes de começarmos a falar de crônica enquanto gênero jornalístico, precisamos elucidar uma questão: Já que as narrativas estão vinculadas a trajetórias de vida reais, o livro o qual este memorial se refere não é uma grande reportagem e sim pequenas crônicas? Muniz e Ferrari (1986) também questionaram-se sobre as diferenças entre a reportagem e a crônica, no livro “Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística”, onde os autores chegaram a conclusão que para um determinado texto ser considerado reportagem é necessário um fato real e da sensação de presença ou “apuração” daquele fato, em contrapartida, a crônica pode surgir de um fato imaginado, em um texto que, não tão rígido quanto o da reportagem, pode trazer ao leitor um “Q” de reflexões. Muniz e Ferrari (1986) defendem que:

Talvez possamos estabelecer assim a diferença entre reportagem e crônica: a primeira mostra os fatos e faz com que o olho do leitor penetre, através do repórter, em espaços desconhecidos; a segunda não pretende que o leitor apenas veja os fatos: quer fazer enxergar o que está por trás deles. (MUNIZ; FERRARI, 1986, p. 94)

No entanto, em outro ponto da obra os autores reiteram a convergência dos gêneros, ao assumir um subgênero da reportagem chamado “reportagem crônica”. Para os autores, este estilo de texto tem caráter circunstancial e ambiental, permitindo a crítica social (SODRÉ E FERRARI, 1986, p.87). Em virtude de uma literatura escassa para falar sobre crônica, nesse tópico, nos utilizaremos da ótica da autora Roberta Scheibe (2006) e a autora Aline de Oliveira (2010), apenas para entender melhor o que é crônica e explorar algumas classificações.

A crônica enquanto parte da prática jornalística surgiu no final do século XIX, junto aos romances de folhetim. Nessa época a prática de escrever sobre a vida cotidiana e o que se via nas cidades, tudo colocado de forma efêmera, em uma linguagem simples e rápida.

Ainda hoje, a crônica é um gênero de difícil definição, isso porque ela pode ser expressa em um poema, um conto, uma conversa, o que significa que não há regras para sua composição. De acordo com Oliveira (2010), a concepção da crônica está ligada à memória e essa relação pode ser explicada de acordo com a etimologia da palavra:

A palavra “crônica” tem origem grega, vem de *chronos*, que sugere uma noção de tempo e memória e, portanto, mantém íntima relação com o passado. Ao relatar acontecimentos vividos, o cronista, que viveu o período anterior à História enquanto ciência, encarregava-se de narrar

fatos sucedidos sem, no entanto, preocupar-se com a racionalidade dos cientistas que lhe sucederam (OLIVEIRA, 2010, p. 200).

Por se tratar de relatos sobre o cotidiano, a crônica acaba provocando algumas identificações entre o que está sendo narrado e o leitor. As reflexões trazidas, nem sempre são consideradas grandes problemas sociais, como a pobreza e o racismo, mas ainda assim, o autor pode estar trazendo um problema a ser pensado, como por exemplo, o descarte inapropriado de lixo, de qualquer forma, há uma provocação do autor para com o leitor, seja de forma explícita, seja nas entrelinhas.

Roberta Scheibe (2006) descreve a estrutura textual da crônica como uma mistura de “informação, imaginação, poesia e sentimento” (SCHEIBE, 2006, p. 26), que pode parecer superficial, mas ainda assim, cada mensagem tem um objetivo específico.

Scheibe (2006) traz em sua obra alguns autores clássicos sobre o gênero para classificar os “tipos de crônica”, entretanto, mostraremos aqui os três tipos que acredito se encaixar neste trabalho.

A primeira é a crônica narrativa, descrita por Afrânio Coutinho (apud SCHEIBE, 2006, p. 30) como o tipo que “aproxima o fato de um conto contemporâneo, relatando um episódio e/ou uma história, mas não tem a necessidade de possuir início, meio e fim”;

A segunda é a Crônica biográfica lírica, descrita por MELO (1994 apud SCHEIBE, 2006, p. 32), como o tipo que “narra poeticamente a vida de alguém”;

E a terceira, que é a Crônica-poema ou crônica-digressão, que FERREIRA (1994 apud SCHEIBE, 2006, p. 32), entende como o tipo que “abarca uma multiplicidade temática”.

6.3 Memória, discurso e identidade

Discutir conceitos ligados a memória, ao discurso e a formação da identidade é sobretudo pensar posições sociais que os sujeitos têm no mundo, tanto quanto suas trajetórias de vida e propensões à fatos de vida herdados de seus antepassados ou daqueles pelos quais se possuem algum tipo de identificação. Esses fenômenos, segundo Pollak (1992) são produzidos de forma coletiva, por personagens, e mesmo localizados no tempo ou em algum espaço, estão passíveis de mudanças, transformações e flutuações em virtude da sua construção coletiva.

Pollak aponta que existem elementos que constroem a memória, sejam estas, individuais ou coletivas, onde os acontecimentos vividos individualmente se cruzam aos que o autor classifica como "vividos por tabela" (POLLAK, 1992, p. 201). O que significa dizer que as experiências subjetivas dos sujeitos se agrupam com acontecimentos que não

necessariamente foram vividos por estes, mas através do sentimento de identificação coletiva, foram tomados para si como fatos de vida. Esse processo é tão importante dentro da formação da memória e da identidade, visto que essas duas construções são indissociáveis, que os próprios sujeitos tendem a não conseguir distinguir se viveram ou não determinados acontecimentos.

Foucault explica esse sentimento de identificação coletiva com o conceito de pertença prévia (1996) como instrumento do discurso enquanto doutrina, que manifestada no que Bhabha (1994) chama de “entre-lugares”. Se entende como a sensação de pertencimento sobre as identidades que emergem no mundo moderno provenientes de raça, classe, gênero, sexualidade e localização geopolítica, ligando-lhes e diferenciando-lhes ao mesmo tempo. Pode-se então dizer que a memória é organizada de acordo com as preocupações, projeções e representações pessoais e políticas dos sujeitos e dos momentos em que ela se constrói.

Buscando entender a dimensão da construção da memória e da identidade como campos que se fundamentam juntos, surge o conceito de “metamemória”, descrito por Candau (2010), como “uma parte da representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que ele tem e, de outra parte, o que ele diz.” (CANDAU, 2010, p. 50). Voltamos novamente a discussão do sentimento de identificação coletiva ou da pertença prévia, onde reivindica-se uma memória que supostamente é compartilhada. “Supostamente”, porque em síntese, Candau (2010) defende que a memória compartilhada não passa de uma crença, considerando que alguns sentimentos compartilhados surgem de experiências individuais, logo subjetivas, que são retomados por outros membros do grupo e podem ter no discurso “efeitos performativos”.

Entretanto, Pollak (1992) entende esses momentos como elementos constituintes do sentimento de identidade, notando que estes são fatores que geram continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo para sua reconstrução, isso porque, é nesses momentos que surgem novos agrupamentos, ou como Bhabha (1994), novas identidades.

Outros elementos que produzem a identidade, logo também a memória, são a linguagem e o discurso, todavia nas sociedades pós-modernas e globalizadas, entra-se em um colapso onde as identidades não se localizam mais no espaço local e sim no global, onde os fortes fluxos de informação reformulam constantemente as práticas sociais.

No mundo globalizado existem fragmentações de um único “eu” que vive em constante mudança, o tradicionalismo agora dá lugar aos hibridismos culturais e há “possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades” (HALL, 1992, p. 50). Seria negativa essa intervenção globalizada e informacional nas produções de identidades? Muito pelo contrário, o intercâmbio

de informações, valores e significados acabou por formular novas estratégias de representação e poder, por vezes também derrubando as práticas de um discurso colonizador que se fortalecia na tradição. Homi Bhabha, em *o Local da Cultura* defende que é imprescindível estimular a articulação das diferenças culturais porque é nela que se dá “início à novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1994, p. 20).

Após esclarecer de modo breve o que é Memória, discurso e identidade na perspectiva dos aurores Pollak (1992), Foucault (1970), Candau (2010) e Bhabha (1994), acredito que seja de extrema importância falar também de como a negritude se configura enquanto identidade, visando que esta análise se propõe a discutir como a identidade negra se reconstrói dentro dos processos acima citados. A construção da identidade negra não perpassa somente pela cultura, mas também pela cor da pele e pelos traços fenotípicos, essas categorias são quando olhadas pelo discurso colonizador ou pelo olhar ocidental, são tratadas como fatores de exclusão, essas identidades também tem como herança histórica “o fato de terem sido vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas” (MUNANGA, 2012, p.6-14).

6.4 Mulheres Negras

Gayatri Spivak em sua obra “Pode o subalterno falar?” (2010) nos traz a importância do sujeito subalterno. Em uma breve pesquisa no dicionário Houaiss a palavra subalternidade está relacionada com inferioridade, subordinação e dependência. Seguindo essa mesma relação de significados, Spivak denomina o sujeito subalterno como aquele que se encontra nas,

[...] camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante. (SPIVAK, 2010, p. 12).

A teórica ainda enfatiza mais quando escreve que esse sujeito de voz silenciada enfrenta as três relações de dominações simultaneamente: capitalismo, colonialismo e patriarcado. Para ela, a mulher subalterna encontra-se em pior situação, e se esta é uma mulher negra e pobre, de certo modo está envolvida nas três camadas e, conseqüentemente, enfrenta as discriminações que esses poderes ocasionam: o primeiro no que diz respeito ao poder aquisitivo, desigualdade de gênero e racismo. É nítido que tratam-se de privilégios pós-coloniais; providos

exclusivamente aos brancos, sobretudo aos homens, isso não anula as desigualdades das mulheres brancas, mas em relação as negras, são estas que detém do mínimo possível, que estão a base de uma pirâmide hierárquica de poder.

Os dados oficiais só comprovam o que Spivak enfatiza diante da mulher, pobre e negra como um sujeito subalterno. Segundo o Mapa da Violência Contra a Mulher (2015), sobretudo em relação ao feminicídio, há determinadas circunstâncias para tal ato e o primeiro deles diz respeito ao aspecto da cor/raça das vítimas.

Se por um lado, a taxa de homicídios contra as mulheres brancas decaiu consideravelmente desde a vigência da Lei Maria da Penha (a partir do ano de 2006), o homicídio contra as mulheres negras sofre uma tendência de aumento que chega a ser preocupante. De 2003 até o ano de 2013 houve um aumento de mais da metade (54,2%) das mortes, com um crescimento que se encontra acima de mil ocorrências registradas no mapa (saindo do quantitativo de 1.864 mortes para 2.874). Enquanto que para as mulheres brancas, houve um percentual negativo de -2,1%, comprovando assim sua diminuição, para as mulheres negras, mesmo com a lei de proteção, esse percentual continua alto com aproximadamente 35%.

É importante que se entenda que não estamos fazendo hierarquização das opressões vividas por mulheres brancas ou negras, mas estamos exemplificando com dados que mulheres negras tem sido alvo maior de discriminação e violência quase que sempre atrelados a fatores de cor.

7 METODOLOGIA

Metodologicamente, a construção deste livro como um todo, perpassou por várias etapas. A primeira etapa é tida por Foucault (2010) como uma “prática de subjetivação” no ato da jornalista que escuta a fonte atentamente, permitindo-se mergulhar nas histórias de vida narradas. A esta escuta, Foucault também chama de “tratado de escuta” (2010, p.298), que quando colocada junto à práticas jornalísticas, como a entrevista, deve ser utilizada para realizar o exercício da escuta de forma passiva. Então, minha principal técnica de entrevista, foi ser uma boa ouvinte, de forma que, não houveram questionários fechados ou roteiros de entrevistas já prontos.

Foucault (2010) afirma que a audição é o sentido mais sensível de um indivíduo e é através dela que há possibilidade de integrar-se ao que se ouve, de forma que as palavras invadam os corpos e lhes causem emoções através do efeito da retórica.

Ao chegar em minhas interlocutoras, precisava primeiro que elas, de forma espontânea, se autodeclarassem mulheres negras e que depois elas me contassem abertamente

um pouco mais de suas vidas. Dessa forma, as narrativas iam se encaminhando sempre para o que fazia mais sentido para elas falarem e não para o que eu ou uma possível “pauta pronta” gostaríamos de “colher”. Para isso, me utilizei da ascese filosófica, visto que, escrevi todas as histórias em primeira pessoa, colocando-me no lugar de minhas interlocutoras e me associando a uma realidade da qual jamais fiz parte. Em uma breve analogia, suponho que essas mulheres tenham tirado uma roupa que usaram por toda a vida enquanto contavam suas histórias e eu as experimentei através de seus discursos, suas memórias e seus gestos. Foucault, na obra “A Hermenêutica do Sujeito” (2010), explora melhor como realizar a ascese filosófica como prática de subjetivação:

O primeiro momento, a primeira etapa e, ao mesmo tempo também, o suporte permanente desta ascese como subjetivação do discurso verdadeiro serão todas as técnicas e todas as práticas que concernem à escuta, à leitura, à escrita e ao fato de falar. Escutar, saber escutar como se deve; ler e escrever como se deve; e também falar, é isto que, enquanto técnica do discurso verdadeiro será o suporte permanente e o acompanhamento ininterrupto da prática ascética (FOUCAULT, 2010, p. 401-402).

Medina (1988), também entende que a entrevista foge a regra do jogo de perguntas e respostas, a autora compreende que existe troca, relação e interação entre o entrevistado e o entrevistador, onde as subjetividades e significações de ambos são levados em consideração e podem resultar em uma entrega maior do entrevistado para com o entrevistador. E foi a partir desta concepção de entrevista que esse trabalho se estruturou quando estava dentro do campo, em uma entrevista aberta e amiga, que intencionalmente, soasse muito mais como uma conversa do que necessariamente como uma entrevista formal.

Na obra “Entrevista: um diálogo possível”, Medina (1986) realiza classificações sobre as técnicas de entrevista observando a forma como o entrevistador ou jornalista conduz a busca pela obtenção de informações e, a partir dessas classificações, estão presentes neste projeto a entrevista de neoconfissões e a entrevista de perfil humanizado. Segundo Medina, as classificações concernem em:

Neoconfissões: Aqui, o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente, ou não, o mergulho interior. [...] Toda confissão pode ser considerada como um strip-tease da alma. (MEDINA, 1986, p. 15)
perfil humanizado: É uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de

vida. (MEDINA, 1986, p. 18).

A autora também questiona a relação entre quem é o entrevistado e sua posição de poder dentro de uma determinada cadeia social, esclarecendo que tornou-se prática comum no jornalismo um espaço de fala para quem tem poder, bom exemplo disto são as coletivas de imprensa realizadas com lideranças políticas ou grandes empresários, contudo, Medina (1986) afirma que a entrevista é uma técnica que dá ao jornalismo possibilidades de trocas democráticas tangidas pelas relações humanas e pelo cotidiano.

Depois que o momento da escuta se passava, ocasionalmente, precisei reouvir algumas histórias, para entender de fato sobre o que se travava, quais problemas sociais estavam atrelados aquela vida e só assim reconstruir a narrativa, que desta vez, seria contada textualmente através do subgênero jornalístico crônica, que foi escolhido para esse projeto tanto por ter uma leitura sedutora quanto pelo seu caráter de humanização, onde as personagens tornaram-se o eixo central do livro.

Ao ter o jornalismo literário e a crônica como norteadores deste trabalho, me utilizei de ferramentas implícitas nos mesmos, como a narração, de forma que as quinze crônicas expuseram os acontecimentos da vida das interlocutoras de forma sequenciada, bem como a descrição que dentro das narrativas reconstruídas nos mostrou momentos onde a lágrima, o sorriso, a tristeza e a alegria que não poderão ser vistas, poderão ser sentidas ou imaginadas. Edvaldo Pereira Lima (2009), entende esse detalhamento que carrega o aspecto emocional e ambiental presente na escrita como de extrema importância para que o leitor se sinta atraído pelas narrativas. A partir dessa percepção de que cada detalhe é importante para construir uma crônica, observei em minhas interlocutoras cada momento em que a voz ficava trêmula, em que era demonstrada alguma relação afetiva com pessoas e coisas ou que no meio de um parêntese das conversas, esboçavam-se sorrisos.

Todas as interlocutoras que colaboraram com o livro podem ser categorizadas por Lage (2014) como “fontes independentes”. Na sua grande maioria, elas são moradoras da periferia da capital amapaense, Macapá – Ap, e que sem interesse algum no presente projeto foram “agentes espontâneos e desvinculados de qualquer interesse” (LAGE, 2014, p. 65).

Ilustrar o livro com descrições não me pareceu o bastante e por isso, sob a orientação da Dr^a. Roberta Scheibe, optei por engrandecer esta obra com fotografias de minhas interlocutoras e seus perfis, que se localizaram diante as crônicas como um lead se localiza em uma matéria de jornal.

Já o desenho metodológico deste memorial foi baseado em uma pesquisa qualitativa

onde autores como Edvaldo Pereira Lima (2009), Felipe Pena (2013), Roberta Scheibe (2006), Cremilda Medina (1986), Cremilda Medina (1988), Michel Pollak (1992), Michel Foucault (1970), Joel Candau (2010), Homi Bhabha (1994), Kabengele Munanga (2012), Gayatri Spivak (2010), Nilson Lage (2014) e Michel Foucault (2010).

8 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto jornalístico descrito neste memorial é o livro de crônica-reportagem intitulado “Vidas pretas: Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres negras no Amapá”, que começou a ser produzido em janeiro de 2018 e traz relatos em primeira pessoa sobre a vivência de mulheres negras no Amapá.

Irei descrever o processo de produção deste projeto de acordo com questionamentos que fiz a mim mesma enquanto trabalhava nele. No momento em que escolhi o título do livro, na intenção de que este norteasse de alguma forma o trabalho, me indaguei sobre por que a obra teria de carregar o nome do Estado do Amapá se nem todas as minhas interlocutoras eram amapaenses. Pouco depois que refleti sobre, comecei a levar em consideração que mesmo que todas não fossem “nativas” do Amapá, todas tinham construído suas trajetórias em terras tucujús, as que não haviam nascido aqui, moram há muitos anos no Estado e, portanto, compartilham também da identidade e da realidade amapense.

Ao longo desses nove meses, tive algumas tentativas de entrevistas frustradas, isso porque a pergunta norteadora para colaborar com este projeto enquanto interlocutora era “como você se autodeclara? Preta; Parda; Amarela ou Branca?”, perguntas que, obviamente, eram feitas para pessoas que sob meu olhar eram negras, mas que sob o próprio olhar sobre si, eram brancas ou no máximo “moreninhas”. Essa problemática nos leva a refletir sobre o que Candau (2010) falava sobre a “memória compartilhada” e essa organização sobre nossas projeções e representações pessoais e políticas. Não assume-se uma identidade afrocentrada primeiro porque a memória coletiva entende que ser negro no Brasil além de ruim, é perigoso, então, é muito mais “fácil” assumir-se “moreninha”, negra não.

Após encontrar a problemática da identidade que se nega, iniciei conversas com pessoas que se autodeclaravam negras, algumas sedentas para contar suas histórias, outras extramamente exitantes. Ao finalizar o livro, acabei por concluir que seus comportamentos também diziam respeito às suas histórias, que geralmente eram violentas simbolicamente e por algumas vezes ainda não tinham sido de fato superadas.

Instigada pela possibilidade de experimentações que a crônica me trazia, ainda não

havia decidido a estrutura dos textos, até que após escrever a primeira crônica, intitulada “O sistema pode até me transformar em empregada mas não pode me fazer racionar como criada”, voltei com minha interlocutora para mostrar-lhe o que havia escrito, pedindo que ela avaliasse a verossimilhança com a história que ela havia me contado, minhas repostas vieram em forma de lágrimas caindo de seus olhos, o que também me emocionou e fez com que eu decidisse que todas as crônicas seriam escritas em primeira pessoa, não só para causar atração no leitor, mas principalmente, para que minhas interlocutoras se identificassem naquelas narrativas e se vissem como peça fundamental deste projeto.

Fui recebida mais de uma vez nessas quinze casas, isso porque, depois de produzir e ler a crônica para a minha primeira interlocutora, estabeleci um esquema onde eu primeiro realizava as entrevistas, que algumas vezes duravam trinta minutos, outras duravam a tarde inteira; depois escrevia as crônicas e retornava até a dona da história, para que assim, ela lesse e me dissesse se aquela narrativa de fato a pertencia. A resposta sempre era sim, e então eu tirava uma fotografia e coletava alguns dados centrais para escrever os perfis que se localizam no livro abaixo das fotos.

Minhas experimentações não se delimitaram só a escrita das crônicas. A forma como conduzi as entrevistas também foi resultado das minhas primeiras experiências com as interlocutoras e a interlocutora que mais me fez refletir sobre essas conversas foi a dona Cleonice da Silva, cronicada em “Um quarto para quatro”. Isso porque eu já havia feito uma pequena pauta de entrevista onde sabia brevemente uma história de perda material sofrida por Cleonice, entretanto, ao começar nossa conversa, ela me pergunta: “posso falar um pouco da minha doença?” e eu claro, disse que ela poderia falar o que quisesse e logo descobri que minha crônica não era sobre uma mulher que tinha perdido uma casa para a força da água, mas de uma mulher que com quatro filhos para criar, sofreu uma pressão tão grande que resultou em um acidente vascular cerebral e depois em depressão. Os problemas dela eram muito maiores do que eu imaginava, e se os dela fugiam completamente a minha pauta, provavelmente minhas outras interlocutoras não caberiam em uma conversa onde um pergunta e outro responde. Cleonice me fez exercer de fato o compromisso com a fonte e a humanização do jornalismo, a partir dela, eu já não fazia mais pauta fechada e mesmo que tirando uma dúvida ou outra dentro da conversa, deixava aquele espaço livre para que minhas fontes pudessem falar.

Nesse processo, percebi também que frases que talvez nem tivessem saído das bocas dessas mulheres como “Eu fiz”, “Eu venci”, “Eu sou livre” faziam muito sentido para elas. Comecei a observar um movimento de ressignificação de suas próprias vidas, e mais uma vez ressalto a importância do uso da primeira pessoa para que elas se identificassem com o que

estava escrito ali e que refletia exatamente as histórias relatadas por elas. Algumas vezes voltei para casa com histórias que tive dificuldade de escrever por conta de um silêncio nas entrevistas, peças no quebra cabeça que faltavam, coisas que eu não conseguia colocar no papel porque também não conseguia decifrar. Até que em uma orientação, a professora Roberta Scheibe me atentou aos detalhes, seria então o silêncio o ponto de partida daquela crônica? Foi aí que comecei a prestar atenção em tudo, na voz, no espaço onde elas habitavam, nas relações que eu conseguia presenciar no pouco tempo em que passamos juntas e a valorizar esses aspectos dentro das crônicas.

Confesso que, ao longo de nossos encontros, fui criando afeto pelas pessoas que eu ainda não conhecia e que se abriam para mim como quem escreve em um diário. Outras, eu já amava, como por exemplo, minha mãe Maria Bernadete, minha bisavó Raimunda e minha tia Ana Maria, no entanto, não tinha noção do quão dura eram suas histórias e ainda que conhecendo alguns trechos dessas vidas, nossas conversas revelavam partes que me faziam reafirmar para mim mesma a importância de dar visibilidade a pessoas comuns com lutas diárias e também comuns à população negra e feminina. Logicamente, cada problema se manifestou de forma diferente porque cada vida é única, todavia, as causas sociais desses problemas sempre são as mesmas: pobreza, machismo e racismo.

O “gancho” principal da produção como um todo, foi o racismo e suas formas de manifestações simbólicas, entretanto, o ato de vencer as adversidades da vida foi o que impulsionou todas as crônicas.

As crônicas produzidas para este livro são classificadas como crônica narrativa (COUTINHO apud SCHEIBE, 2006), a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE 2006), e Crônica-poema ou crônica-digressão (FERREIRA 1994 apud SCHEIBE, 2006), sendo que, algumas narrativas se hibridizam entre as tipificações, tipificações essas que estão melhor descritas no referencial teórico deste memorial.

A crônica de abertura do livro é intitulada “A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz” e conta a vida de Ana Maria Palmeirim Ramos, uma trajetória marcada por algumas perdas, um bloqueio psicológico para chegar até a escola e a superação de sair da linha abaixo da pobreza através da educação. O título desta crônica é um trecho da bíblia cristã (Matheus 6:22), fé pela qual a crônica se professa. A construção textual dessa narrativa se hibridiza entre a crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE), bem como a entrevista que realizada no dia 06 de março de 2018, também híbrida, se divide entre a entrevista de neoconfissões (Medina, 1986) e a entrevista de perfil humanizado (Medina, 1986).

A segunda crônica tem como crônicada a Cleonice da Silva Ramos e é intitulada “Um quarto para quatro”, Cleonice passou por problemas de saúde física que também resultaram em problemas de saúde mental, e com três filhos pequenos para criar, contou com a ajuda de sua prole em seu processo de recuperação. O título da crônica presente é também um trecho de sua narrativa. Esta construção textual se deu através da crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). Assim como na crônica anterior, de acordo com as classificações de Medina (1986) a entrevista foi de neoconfissões e perfil humanizado. A conversa com dona Cleia aconteceu no dia 19 de março de 2018.

A terceira crônica é intitulada “Nesta noite farei diferente: o canto de um canto de luz”, baseada na relação amorosa e na relação espiritual da crônicada Tania Fatima leal da Silva. A crônica que faz referência à Orixás e ao amor pelas mulheres que lhe rodeiam tem em sua construção textual Crônica-poema ou crônica-digressão (FERREIRA 1994 apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). O título desta narrativa foi pensado de acordo com a narrativa da crônica e com a relação entre a crônicada, que é cantora, e a música. A entrevista foi realizada no dia 22 de Fevereiro de 2018 e é classificada de acordo com Medina (1986) como entrevista de perfil humanizado.

Nossa quarta crônicada se chama Joyce Mariele Ramos Lobato e sua crônica revela fases de um relacionamento abusivo desde seu início, até seu fim, e o apoio familiar dentro deste processo. A estrutura textual desta narrativa foi construída a partir da crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). O título do texto “Ela desatinou, desatou nós, vai viver só...” é um trecho da música “Triste, louca ou má”, de Francisco El Hombre, música esta que fala sobre o ato de libertar-se de projeções machistas que nos são impostas enquanto mulheres, e que eu pedi para que Joyce ouvisse antes de contar-me sua história, (temos um laço familiar e por isso precisei usar a música como técnica de aproximação bem como de reflexão de ambas dentro do processo). A entrevista foi realizada no dia 08 de Março de 2018 e sua classificação segundo Medina (1986) é neoconfissões e perfil humanizado.

A quinta Crônica é a reconstrução da história de Maria Bernadete Palmerim Ramos, que assolada pela pobreza, perdeu a perspectiva de crescer durante alguns anos, pois só tinha tempo para trabalhar como empregada doméstica e conseguir sustentar-se, no entanto sua vontade de vencer lhe trouxe superações. Esta crônica chama-se “O sistema pode até me transformar em empregada, mas não pode me fazer raciocinar como criada”, trecho da música “Mulheres negras” de Yzálú, que critica o sistema racista que submete grande parcela das mulheres negras a cargos de limpeza. A estrutura textual desta crônica resume-se à crônica

narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). Sua entrevista foi realizada no dia 12 de janeiro de 2018 e tem como classificação perfil humanizado (Medina, 1986).

A sexta Crônica é intitulada “Pertencer ou não pertencer? Eis a questão”, cuja a interlocutora não pode ser identificada de acordo com a sua vontade, conta a história de uma contenda familiar e a sensação de não pertencimento a mesma. O título está diretamente ligado ao conteúdo da crônica e ao sentimento da crônicada, que mesmo não deixando seu nome aparecer, permitiu que sua história fosse contada. A produção textual desta narrativa está de acordo com crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). Sua entrevista aconteceu no dia 01 de abril de 2018 e é classificada como classificação perfil humanizado, de acordo com a definição de Medina (1986).

A sétima crônica, intitulada “O meu pé não sai”, foi inspirada na vida de Maria de Nazaré Farias do Nascimento, que também no contexto familiar sofreu com o racismo. O título da história surgiu da própria crônicada, que ao narrar sua vida repetiu a frase por muitas vezes. A produção textual desta narrativa está de acordo com crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). No dia 29 de março de 2018, Nazaré compartilhou sua vida com a autora através de uma entrevista é neoconfissões (Medina, 1986) e perfil humanizado (Medina, 1986).

“Gritaram-me negra; e nesses gritos nunca houveram amor” é a oitava crônica deste livro e relata a vida de Ana Carolina Magalhães Gonzaga, que teve algumas experiências ruins no ambiente escolar por causa de episódios racistas, mas pode mudar sua visão ao adentrar a universidade. O título desta crônica faz referência as experiências racistas que Ana infelizmente viveu. Esta construção textual se deu através da crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). Sua entrevista foi realizada no dia 05 de Maio de 2018 e segundo as classificações de Medina (1986) se encaixa como neoconfissões e perfil humanizado.

A nona crônica tem como crônicada Mayara Teodoro, que intitulada “Deu tudo errado” relata episódios de violência obstétrica, machismo institucional e uma vida obstinada a vencê-los. O título desta crônica é proveniente da fala de Mayara ao narrar sua história. A estrutura textual desta crônica segue as estruturas da crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e da Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). Classifiquei esta entrevista, que aconteceu no dia 08 de abril de 2018, de acordo com Medina (1986) como neoconfissões e perfil humanizado.

A décima crônica foi inspirada na história de vida de Cibelle Canto Bastos, que intitulada “Nem negra eu era”, retrata o racismo velado que embranquece meninas negras para que elas sejam melhor “aceitas” socialmente. O título da crônica relaciona-se a narrativa e a incomodação de Cibelle sobre a dificuldade que outros tem de reconhecê-la enquanto uma mulher negra. Este texto se hibridiza entre a crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). No dia 15 de julho de 2018, Cibelle cedeu seu relato via whatsapp, porque a mesma não reside mais no Amapá, entretanto, sua entrevista é considerada como neoconfissões (Medina, 1986) e perfil humanizado (MEDINA, 1986).

Como décima primeira crônica, temos a história de dona Luiza, que intitulada “A felicidade é simples” nos revela uma imensa vontade de esquecer as mazelas sociais e sentir-se em paz. O título é uma conjunção entre a narrativa de Luiza e seu semblante calmo. Esta crônica tem as características da crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e da Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). A entrevista foi realizada no dia 16 de maio de 2018 e segue as formatações de uma entrevista de perfil humanizado (MEDINA, 1986).

Intitulada “Reza”, o texto em estrutura de Crônica-poema ou crônica-digressão (FERREIRA 1994 apud SCHEIBE, 2006), aborda a importância da auto estima da mulher negra, através do relato de vida de Priscila Vaz Teixeira. O título desta crônica revela-se como uma brincadeira e ainda assim uma prece, para que todas as mulheres negras demonstrem um dia o amor que Priscila demonstrou por si mesma. Esta entrevista aconteceu no dia 22 de agosto de 2018 e se encaixa como neoconfissões (MEDINA, 1986) e perfil humanizado (MEDINA, 1986). Reza é a décima segunda crônica do “Vidas Pretas”.

Feliciano de Jesus da Silva Ramos nos contou como conquistou sua autonomia e libertou-se de um relacionamento abusivo. Sua história deu origem a crônica “Se mal me queres, bem me quero” que compõe a décima terceira produção deste livro e tem como título esta referência à brincadeira infantil do mal me quer e tem como intenção demonstrar o processo de bem se querer de Feliciano. Este texto se hibridiza entre a crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). A entrevista que possibilitou a existência desta crônica aconteceu no dia 23 de agosto de 2018 e segundo as classificações de Medina (1986) se encaixa como neoconfissões e perfil humanizado.

A décima quarta crônica chama-se “Agora eu posso ser feliz”, que tem como crônica Zuleide Brito de Oliveira. Esta narrativa carrega consigo um misto de emoções, entre elas, tristeza, sensação de traição e de abandono, libertação e felicidade e seu título foi escolhido de acordo com sua própria narrativa. A construção textual desta produção concerne nas

classificações de crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). Realizada no dia 22 de agosto de 2018, esta entrevista, de acordo com Medina (1986), é de neoconfissões e perfil humanizado.

Fechando o livro, a décima quinta crônica é intitulada “Meu nome é Dica, Dica do Santo” e tem como crônicada uma senhora de cem anos chamada Raimunda da Silva Ramos, que convive com a doença de alzheimer e por isso pouco se lembra de seu passado. O título é uma das frases que dona Dica mais utiliza durante o seu dia. A estrutura textual desta narrativa foi construída a partir da crônica narrativa (Coutinho apud SCHEIBE, 2006) e a Crônica biográfica lírica (MELO 1994 apud SCHEIBE). Não houve uma data específica de entrevista, primeiro porque, dona Raimunda não dispõe da concentração e saúde mental necessária para narrar sua história, todavia, em meus encontros semanais com Dona Dica durante meus vinte um anos em virtude de nosso laço familiar de bisneta e bisavó, a entrevistei e obtive as respostas presentes nesta crônica, portanto, classifico esta entrevista que foi sendo feita de forma parcelada durante uma vida inteira como de perfil humanizado (Medina, 1986) e ressalto que assim como em todas as outras entrevistas, minha escuta estava atenta, bem como meu olhar, para observar todas as linguagens emitidas pela crônicada.

As fotografias e a edição artística das mesmas foram inspiradas no livro de crônicas “A vida que ninguém vê” de Eliane Brum (2006), que traz um editorial de imagem em preto e branco desfocado onde pequenos detalhes ligados a mensagem da crônica são valorizados dentro de um quadrado focal. Tentei seguir a mesma ideia no projeto aqui descrito, mas desta vez tentando brincar melhor com as cores e a nitidez dos detalhes, por isso, em uma crônica onde se falava de educação, escolhi destacar com cores, o diploma; em outra crônica onde a questão era autonomia, liberdade e relacionamento abusivo, produzi a fotografia de acordo com o ambiente descrito na crônica e valorizei com cores o sorriso da crônicada. Em síntese, as faixas em cores trazem destaques simbólicos ao que está sendo narrado na crônica e liga o texto imagético e o texto verbal. Irei exemplificar melhor com duas fotografias e dois trechos de suas respectivas crônicas:

A crônicada a seguir é Ana Carolina Magalhães Gonzaga e sua história se relaciona a questão racial, o preconceito e o ambiente escolar. Na foto, Ana aparece segurando seu diploma de graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Amapá. No trecho a seguir conseguimos relacionar crônica e foto: “Saí da escola com muitos traumas, quase que acostumada a carregar a sensação de me sentir anulada [...] Já na juventude, adentrei a universidade, depois de tantos trancos a serem enfrentados, eu estava fechada para pessoas, mas aquele espaço era diferente, existiam pessoas como eu, mas que diferente de mim, auto

afirmavam suas negritudes, lutavam por isso e gritavam às suas: ‘toda negra é linda’, aquilo para mim era novo, desconhecido, porém forte, voraz”.



O Outro exemplo está ligado ao ambiente da cronicada e a sua sensação de Liberdade. Feliciano de Jesus da Silva Ramos, viveu por muitos anos um relacionamento que segundo a mesma, lhe impedia crescer e galgar lugares maiores no mundo. No trecho a seguir a crônica e a imagem conversam diretamente: “As paredes do meu quarto viraram um grande diário e a cada conquista eu anotava coisas que para mim eram importantes. No meu processo de ‘bem me querer’ tive que relembrar quem eu era e quem eu estava me tornando, quem eu deixaria para trás e quem eu permitia que seguisse comigo”.



Para chegar nos resultados finais de produção das fotografias deste projeto experimental, realizei um ensaio fotográfico com cada interlocutora com aproximadamente quinze a vinte fotos por ensaio. Ao finalizar as sessões de fotografia, escolhíamos juntas a foto

que melhor representasse a interlocutora, não somente a foto que mais casasse com a crônica, mas também a foto que agradasse esteticamente a interlocutora. Na busca de satisfazer questões metodológicas estéticas, acabei por realizar dois ensaios para a mesma crônica, no exemplo a seguir, era de minha pretensão utilizar a relação professor-aluno no combo de superação, entretanto, pude perceber que tantos outros indivíduos na composição da fotografia faziam com que a crônica “sumisse”, não a tratando no texto imagético como elemento principal e, por isso, marcamos outra sessão de ensaio.

Tentativa 1




Tentativa 2 – Resultado final



É importante ressaltar que tanto as histórias colhidas em entrevista quanto as fotografias estão autorizadas pelas interlocutoras através de termo de uso de imagem e história

de vida, a seguir, um exemplo do termo:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Eu, Maria Trindade da Silva Ramos, portador da Cédula de Identidade nº 596766, inscrito no CPF sob nº 611992467-20, residente no endereço Av. Marcílio Dias, nº 902, na cidade de Macapá, AUTORIZO o uso de minha imagem e história de vida concedida em entrevista (ou do menor Raimunda da Silva Ramos sob minha responsabilidade), sem finalidade comercial, para ser utilizada no Projeto Experimental “VIDAS PRETAS: Crônicas sobre memórias de mulheres negras no Amapá”, equivalente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente de Jornalismo – Bacharelado pela Universidade Federal do Amapá, Anália Ramos Barreto.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e história acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Macapá, 03 de setembro de 2018.

Maria Trindade da Silva Ramos
Assinatura

8.1 Projeto gráfico

Para falar do projeto gráfico, é importante dizer que o formato E-book do livro “Vidas pretas: Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres negras no Amapá”, foi inspirado no livro “Matemática dos palmos injustos: livro de crônicas sobre o cotidiano do transporte público amapaense”, de Criles Monteiro Ramos (2017), justamente porque o formato digital viabiliza que a obra chegue de forma mais rápida e eu diria até “popular” aos leitores, além do baixo custo. A possibilidade digital novamente me fez pensar em minhas

interlocutoras, visto que eu não teria orçamento para imprimir dezoito cópias da obra para entregar às interlocutoras e à banca, no entanto, o formato digital possibilita que todos possamos entrar em contato com esta leitura, bem como, outras pessoas que tenham interesse.

A diagramação foi feita por Criles Monteiro Ramos, sob minha orientação. O programa utilizado para a diagramação foi o InDesign, onde na capa foram usadas duas fontes. Tendo como título a "Afro House", que tem formatação em letras maiúsculas; para subtítulo e nome da autora, foi utilizada a fonte "Afromatic", bem como na contracapa do livro. Sendo ambas baixadas no site DaFont, tendo como base de pesquisa temas afros.

Em todo o corpo do livro foi usada Times New Roman, fonte 18, com títulos em negrito e caixa alta, entretanto, nos títulos das crônicas optamos por utilizar um diferencial, que foi uma letrinha vermelha, geralmente um "A" na intenção de indicá-lo como um artigo feminino definido, já que as crônicas eram essencialmente protagonizadas por mulheres. Os perfis de cada personagem também tiveram destaques, desta vez, com o comando itálico.

8.2 Cronograma

No primeiro semestre de 2017, ao cursar a disciplina de "Projeto Experimental", ofertada para os alunos do sétimo semestre de graduação, de acordo como projeto pedagógico para as turmas de 2011 à 2015, construí um pré-projeto de pesquisa para a modalidade de monografia intitulado "Cultura do Estupro, representações midiáticas e a construção do imaginário popular: uma análise do tratamento de notícias em caso de estupro e assédio sexual", que orientado pelo Dr. Rafael Wagner Costa, em agosto, passou por banca e foi qualificado. Porém, tal projeto foi interrompido como trabalho de conclusão de curso em virtude de minha descoberta a afinidade sobre o jornalismo literário e a produções de crônicas. Em janeiro de 2018, conversei com a Prof^a. Dr^a. Roberta Scheibe, explicando-lhe minhas projeções sobre este projeto e ela aceitou orientar-me, desde então venho produzindo de acordo com a tabela seguinte:

2018

Atividades	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
------------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

do Memorial									
-------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--

8.3 Orçamento

Produzido por mim, graduanda de Jornalismo, Anália Ramos Barreto e diagramado de forma gratuita pela jornalista Criles Monteiro Ramos, os custos desse Projeto Experimental se resumem aos gastos com impressão, encadernação e a compra de CD's para gravar o material para ser entregue à banca.

Descrição	Quantidade	Valor
Impressão do Memorial	1 com 34 páginas	R\$ 10 centavos por página
Cópia do Memorial	2	R\$ 10 centavos por página
Encadernação do Memorial	3	R\$ 3,50 por unidade
CD's	6	R\$ 1,50 por unidade
		TOTAL R\$ 30,00

8.4 Gravações

Anexo a este material, estão disponíveis as gravações de dez dos quinze encontros com as interlocutoras, porque tive problemas técnicos com as outras cinco gravações. Os áudios não estão tratados e estão sem edição. É importante ressaltar que as gravações não resumem às horas de conversa que tive com minhas interlocutoras, por vezes, conversamos muito antes que elas me permitissem gravar, em outros momentos a gravação era encerrada e a conversa continuava em virtude de suas empolgações. Entretanto, o que foi gravado destas conversas segue na íntegra apenas para demonstrar à banca meu esforço na realização do trabalho, bem como para possível análise da minha conduta na realização das entrevistas.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar o resultado final do livro “Vidas pretas: Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres negras no Amapá” vejo um tanto de mim debruçada sobre a obra. Não nego que jamais fui imparcial, até porque a escolha do tema já foi agenciada por minhas subjetividades. O mito da imparcialidade dentro do jornalismo sempre foi algo que me incomodou, afinal, até quando escolhemos quais palavras usar, estamos demonstrando quem somos e no que acreditamos.

Trabalhar em um projeto onde eu pude sentir o jornalismo e ainda assim sentir as emoções que as narrativas que me foram contadas carregavam foi uma experiência da qual eu não saberia descrever exatamente, porém, muito gratificante. Acredito sim na linguagem objetiva do jornalismo, porém, gostaria de ver mais versões de trabalhos autorais que carregassem discursos honestos, não no sentido de “falar verdades ou mentiras”, mas no sentido de presentear o leitor com a clareza do sentido ideológico pelo qual o texto jornalístico é construído. A ideologia que o produto deste memorial carrega em sua construção é a luta antirracista, a luta por equidade entre os gêneros e entre as etnias. Acredito que fui o mais honesta possível e espero que o meu leitor entenda a mensagem e reflita caso ele tenha sido algum dia agente do preconceito e da opressão.

Ainda que o jornalismo literário seja uma arte secular, entendo ele como algo inovador, capaz de transformar fatos que passariam de forma corriqueira no dia-a-dia em algo esplendoroso. Depois de ver minhas interlocutoras se emocionando com a leitura sobre suas vidas, me pergunto se não seria o jornalismo literário o nosso recurso para reconquistar a confiança do leitor comum.

Meus objetivos de pesquisa foram todos concluídos, mas e o problema? Será que foi possível demonstrar as problemáticas sociais através da crônica e sua simplicidade? Expusemos questões que provavelmente são cotidianas na vida de tantas mulheres neste Brasil afora. Nesse jornalismo, não tivemos dados, fontes oficiais ou especialistas para falar desses problemas, porque a voz que ecoou aqui é a mesma voz que sofreu com o que foi explorado no texto. É necessário ressaltar que não estou desqualificando as fontes especialistas ou oficiais, de fato, elas são de extrema importância, mas, que tal, nós enquanto jornalistas e agentes sociais começarmos a tratar nossas fontes “personagens”, aquelas que vivem diariamente com determinada realidade como as fontes mais importantes? Minhas interlocutoras, assim como cada fonte personagem das obras de jornalismo literário que me inspiraram, foram tratadas de forma ordinária, portanto, acredito que não só é possível como também já vem se construindo

um jornalismo que valoriza seus personagens como os agentes mais importante daquela narrativa.

Termino esta pesquisa com muitos aprendizados proporcionados pela experiência da troca, coisa que nenhuma redação me oportunizou, já o “jornalismo do agora” ou do “mais rápido” nos tira a sensibilidade de ver que fontes são humanos que querem falar e por isso merecem ser ouvidos e terem suas falas respeitadas.

Viver o jornalismo literário através da crônica me trouxe a possibilidade de mergulhar no ato da escrita de forma prazerosa, perceber outras formas do texto jornalístico que fogem à regra do lead e da pirâmide invertida fez que eu entendesse esse tipo de jornalismo também como importante, mas não mais como exclusivo. E, sobretudo, que as técnicas jornalísticas podem ser usadas para realizar um trabalho mais humano, que se preocupe mais com as pessoas e menos com a lógica do sistema capitalista cujo o ditado popular ilustra “tempo é dinheiro”.

Por fim, destaco esta obra como importante tanto para o jornalismo amapaense quanto para o jornalismo que vem se produzindo dentro da academia do Estado do Amapá, obviamente, minha produção está sujeita a erros, entretanto, creio que, assim como eu encorajei-me a trabalhar neste livro depois que a colega de profissão Criles Monteiro Ramos escreveu “Matemática dos palmos injustos: livro de crônicas sobre o cotidiano do transporte público amapaense” também como resultado de um Projeto Experimental equivalente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Acredito também no projeto “Vidas Pretas” como fomento à cultura Amapaense, a literatura e a construção de memória sobre o Amapá.

Aqui está a minha “ajudinha” para “quem não puder avistar o Amazonas”, e “entender o jeito de ser do povo daqui”³.

³ Referência à música “Jeito Tucujú” de Joãozinho Gomes e Val Milhomem, que faz alusão a identidade do povo amapaense e é composição histórica da música popular amapaense - MPA

REFERÊNCIAS

- BHABHA, K. Homi. **O Local da cultura**. 2ª ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CANDAU, Joel. **Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade**. Revista Memória em Rede, Pelotas, 2010.
- Dicionário online de português**. Significado de subalternidade. Disponível em: ><https://www.dicio.com.br/subalternidade/><. Acesso em: 10 set. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 10. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 14 ed. Editora Record, 2014.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª edição revista e ampliada. Editora Manole, 2009.
- _____. **Páginas ampliadas: O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Unicamp, 1993.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 4, n. 8, p. 06-14, out. 2012. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246>>. Acesso em: 02 set. 2018.
- OLIVEIRA, Aline Cristina de. **Crônica: um gênero menor? Indagações acerca do texto lítero-jornalístico**. In: II Colóquio da Pós-Graduação em Letras. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Pós-Graduação de Letras, 2010. p. 199-215.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- POLLAK, Michael. **Memórias, esquecimento, silêncio**. In: **Estudos Históricos**. v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: 1989.

SCHEIBE, Roberta. **A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos**. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Stuart Hall, Karthryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SPIVAK, C. Gayatri. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, 2015. Disponível em ><http://www.mapadaviolencia.org.br>< Acesso em: 10 set. 2018.